

Pio admite, além do superlativo proprio *piússimo* (Bern., N. Flor. 4, 201; 3, 79; 1, 182) a forma *piéntissimo* com o mesmo sentido (Arr. 288, 703), tomado ao lat. *piéntissimus* (de *piens*) muito usado nas antigas inscrições romanas.

Grandissimo (lat. *grandissimus*, superl. de *grandis*, e) ocorre frequentemente em quinhentistas e seiscentistas (Cam., Lus. 5, 12; 5, 59; Arr. 57; F. M. Pinto 1, 55; 1, 90; Couto, Dec. 8, 6; Vieira, C. 2, 308, etc.), desprezando-se, por plebéa e irregular, a forma *grandessissimo* que registramos em Esmeraldo 55 e 81, e cujo emprego perdura na linguagem familiar.

Escretores da Renascença antepunham, a modo de reforço, ás vezes o adverbio *mui* ao adjectivo já terminado em *-issimo*. Ao sentir hodierno parece isso um pleonasmio desnecessario:

Cidade... *mui antiquissima* (Barros, Dec. 2, 7, 8) — Pao de aguilha, e calamba excellentissimo e de *muito grandissimo* preço (Hist. T. M. 3, 85) — É *mui fertilissima* de todos os mantimentos do mundo (ib.) — É logo mais adiante está outra cidade chamada Confutá, cousa *mui antiquissima* (Barros, Dec. 3, 1, 3) — É logo lhés fazem huns pyrames *mui altissimos* (ib. 3, 2, 5) — Ficavam excluidos do Apostolado setenta discipulos, todos dignos e *muito dignissimos* (Vieira, Serm. 2, 364).

Outras vezes consiste o reforço em pôr a terminação *-issimo* a adjectivos exprimindo idéas taes, que parecem não comportar gradação:

Todos tinham *mortalissimas* feridas (Couto, Dec. 4, 4, 7) — O lume da gloria da Senhora e a visão beatifica com que vê a Deus, excede em *supremissimo* grau a de todos os bemaventurados (Vieira, Serm. 3, 27) — Neste mundo visivel humas cousas são imperfeitas, outras perfeitas, outras *perfeitissimas* (Vieira, Serm. 1, 294) — Está *prontissimo* a tudo (Vieira, C. 2, 6) — Neste artigo *principalissimo* da vida espirital (Bern., N. Flor. 1, 31) — A todos sarava do *mortalissimo* mal da peste (Vieira, Serm. 2, 170).

Outro modo de expressar a qualidade em grau intenso consistia em juntar ao adjectivo a locução adverbial *em extremo* ou *por extremo* (ou *em grande maneira*), podendo o adjectivo vir, ou deixar de vir, reforçado ainda com a palavra *muito* (ou *mui*):

Estes vasos sam *muy duros em gram maneira* e estão cheios de humas castanhas muito docés e *saborosas em extremo* (Gand. 32)

— A casca delle [caroço do cajú] he *muito amargosa em extremo* (ib. 33) — Este peixe he *muito gososo em grande maneira* (ib. 42) — Os quaes peixes são *muy peçonhentos por extremo* (ib.) — Andava na boca das gentes estimado e envejado e *por extremo contente* (Sousa, S. Dom, 85) — Estes taes demonios são pessimos e *por extremo malvados* (Bern., N. Flor. 1, 474) — Reconheceu que era mulher e *por extremo formosa* (ib. 1, 478) — Hum corpo morto, cheio de bichos e *asqueroso por extremo* (ib. 3, 260).

Mais antigo e talvez menos corrente era o superlativo formado com a locução *em cabo*:

ElRey se veste de vestidura de ouro, a qual he *preciosa muyto em cabo* (M. Polo 34) — Ha hy em aquelle lugar *muy fremosas arvores em cabo* (ib. 31) — Som mercadores *muy ricos em cabo* (ib. 37).

Como superlativos de *muito* existem, alem de *muitissimo*, o hyperbolico *mais que muito* e a duplicação *mui muito* usada em port. ant.:

Que te faço sabedor que dos *mui muitos* ciumes nace o *mui muito* amor (Gil Vic. 3, 276) — Meu *muito* amor, que, se elle não fora *muito*, e *mais que muito*, não me obrigara a escrever tanto (Vieira, C. 2, 310).

NUMERAES

Numeros cardinaes e multiplicativos

Os numeros cardinaes são em geral vocabulos invariaveis. Ao genero do competente substantivo accommodam-se apenas: *um, uma* (port. ant. *ũ, ãa*); *dous* (ou *dois*), *duas*; *ambos, ambas*, e os compostos de *-centos* (*seiscentos, seiscentas, quatrocentas*, etc.).

A caracteristica do plural ajunta-se a *cento* e a *milhão*, e demais formações em *-ão* (ficando *centos, milhões*, etc.) quando se trata de duas ou mais unidades destas classes. *Dous centos, tres centos, cinco centos* convertem-se em *duzentos, trezentos, quinhentos*.

Variaveis, quanto ao numero, são tambem as expres-

sões collectivas *dezena, centena, milhar, milheiro* e o antigo *milhenta* (reproduzido em Herc., Lendas e Narr. 2, 9: *A la fé de cavalleiro, não darei uma, darei milhentas palavras*).

Ambos differe de *dous* em ser applicavel sómente a dualidade já sabida ou anteriormente mencionada e não costuma seguil-o substantivo sem que venha determinado por demonstrativo ou artigo.

Pleonasticamente, ou, antes, reforçativamente usam os escriptores por vezes *ambos de dous, ambos os dous, ambos estes dous* ou invertendo: *os dous... ambos; estes dous... ambos...* Exemplos da primeira especie occorrem na linguagem do seculo XVI e são mais difficeis de encontrar a partir da era seiscentista:

Juraram *ambos de dous* em nome de seus senhores (Castanh. 5, 27) — A *ambos de dous* deu cavalos e joias (ib. 3, 47) — *Ambos estes dous* philosophos Platão e Xenofonte foram discipulos do grande Socrates (H. Pinto 1, 170) — *Ambas estas duas* partes (ib. 1, 155) — Pera proveito *dambos de dous* (Castanh. 4, 42) — He por desejar a honrra e proveito *dambos de dous* (ib. 2, 98) — Ainda que ho podião fazer ajuntandosse *ambos de dous* (ib. 3, 99) — Duas almadias grandes cõ traves pregadas em *ambas de duas* (ib. 3, 17) — E acordaram *ambos de dous* que tomassẽm a cidade (ib. 6, 96) — Mandou dar a *ambos de dous* senhos panos dalgodão e de seda (ib. 1, 15) — Ficando *ambas estas duas...* no mesmo clima (Luc. 1, 158) — Servindo-se Deos nosso Senhor de approvar e autorizar com milagrosos sinaes a fé d'*ambos os dous* (ib. 1, 241) — Partio pera Malaca com ricos presentes e ordem d'*ambos os dous* reys, pera em seo nome confirmar a irmandade na fé (ib. 1, 298) — De *ambos de dous* a fronte coroada (Cam., Lus. 4, 72) — Ajuntam-se aqui *ambas estas duas* costas (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Porque *ambas estas duas* costas fazem o mar mui çujo de ilhetas (ib.) — Se *ambas estas duas* vierem á nossa noticia (ib. 1, 5, 10) — *Ambos estes dous* instrumentos (Vieira, Serm. 8, 139) — *Estas duas* utilidades... *ambas* estão sujeitas a dous perigos (ib. 8, 278) — *Os dous* mercadores *ambos* comprirão a condição do contrato (ib. 8, 283) — *Estes dous* desprimores nascidos *ambos* do mesmo vicio (ib. 5, 193) — Nadavam *ambos estes dous* imperios de Espanha felicissimamente (ib. 8, 490) — O que é certo é que *ambos os dous* monges... caminhavam juntos, mas em silencio, como dous cumplices de um crime afastando-se do lugar onde o perpetraram (Herc., M. de C. 1, 104).

Estes e outros exemplos não autorisam todavia a affirmar que fosse tão corrente na linguagem litteraria de Portugal do seculo XVI o uso de *ambos os dous* ou *ambos de dous*, como o era o emprego desse pleonasmão em fran-

cez antigo, em provençal antigo, em hespanhol e em italia-
no*). Em Castanheda occorrem, alem dos exemplos acima
mencionados, ainda outros do emprego de *ambos de dous*.
Aqui evidentemente nenhum escrupulo se faz quanto á
forma pleonastica. Em outros autores da mesma epoca
rareiam os exemplos. Em alguns faltam de todo.

Escrevendo por extenso os numeros 16, 17 e 19 o port.
ant. ora separava os termos componentes, ora os ligava, de
accordo com a pronuncia, em uma só palavra, mas sem-
pre interpondo a copulativa *e* entre a dezena e a unidade.
Seria uma questão de principio o uso desta letra e não de
outra; provavel é que então, como mais tarde, proferidos os
numeros rapidamente, a pronuncia da conjunção vacillasse
entre *e* e *a*. Por lhes soar antes como *a*, alguns quinhentis-
tas e, com mais firmeza, os seiscentistas passaram a es-
crever *dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* em lugar de *dezeseis*,
dezesete, *dezenove***). De entre os varios exemplos de Viei-
ra e Bernardes basta assignalar: *dezaseis* (Serm. 8, 215;
N. Flor. 1, 234); *dezasete* (Serm. 5, 229; ib. 7, 57; N.
Flor. 1, 256); *dezanove* (L. e C. 19; N. Flor. 2, 114; e
Serm. 3, 160, onde ocorre cinco vezes).

Em lugar de *cem* podia-se dizer *cento*, desacompa-
nhado de outro numero, em port. ant. e ainda em linguagem
quinhentista:

Avia nome Arguu, e avia *cem* olhos (Livro de Esopo 41) —
Este Arguu, o qual avia *cento* olhos, significava o senhor, que deve
aver *cento* olhos a veer ssua fazenda (ib.) — Morriam *cento*, e *cento*

*) No Poema del Cid topa-se a cada momento *amos a dos* (=ambos
a dos) alternando com o simples *amos*. Em francez antigo achamos innumer-
as vezes *ambedui* com as variantes *andui*, *andui* e *amsdous*, *ambedeus*, etc. Se-
melhantemente no provençal antigo. O italiano antigo tem *ambedue*, *ambedoe*
e na Divina Comedia de Dante occorrem exemplos como os seguintes:

Gli diretani alle cosce distese,
E misegli la coda tr'ambedue
(Inf. 25, 55)

Latin siem noi che tu vedi si guasti
Qui *ambedue*, rispose l'un piangendo
(Inf. 29, 92)

Che due nature mai a fronte a fronte
Non transmutò, si che *ambedue* le forme
A cambiar lor materie fosser pronte
(Inf. 25, 101)

***) Que a vogal *e* se podia trocar em *a* vê-se em *antrelles* e *piadoso*
por *entre elles* e *piadoso*. (Of. sobre vogaes a pag. 21).

e cincoenta (F. Lopes, D. J. 272) — Oito de cavallo e *çento* homens de pee (ib. 220) — A vós outros mais vos lembra hum serviço por fazer que *cento* feitos (Sá de Mir. 2, 152) — Os quinhentos eram espingardeiros, e os *cento* bombardeiros (Castanh. 4, 7).

Os termos *bilhão*, *trilhão* e outros nomes de numeros em *-ão* acima de *milhão* vieram modernamente do estrangeiro, graças ao estudo da arithmetica pelos compendios francezes*). O proprio *milhão*, usado ha bastantes seculos, nem por isso deixa de ser palavra importada. Em port. ant. a unidade de ordem superior ás centenas de milhares chamava-se *conto* e é neste sentido que se usa o termo nos seguintes passos: *concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas* (F. Mendes Pinto 289); *constava serem necessarias para o [muro] guarnecer e para os presidios das praças... seis contos e setecentos e noventa e quatro mil e trezentos e cincoenta soldados* (Bern., N. Flor. 2, 136). Conservou-se o nome até a linguagem hodierna sómente em *contos de réis*.

O termo *milhão* era entretanto já conhecido dos quinhentistas: *Dizia-se que tinha [o Bramá] hum milhão e quinhentos mil homens e quatro mil alifantes* (Couto, Dec. 6, 7, 8).

Para enunciar um numero de muitos algarismos, tiveram curiosa applicação os termos **milhão** e **conto**, pelo menos até 1689, epoca em que se publicou o quinto volume dos Sermões de Vieira. A pag. 391 dá o autor conta de diversas multiplicações, e, como os productos são felizmente enumerados por extenso, vê-se que a nomenclatura de hoje differe bastante da daquelle tempo. Para se ler um numero de muitos algarismos por semelhante systema, seria preciso dividil-o em series alternadas de seis e tres algarismos. A 1.^a serie de seis algarismos dos numeros inferiores ia, como hoje, até centenas de milhares; subindo, seguiam-se os *contos* (tres algarismos), os *milhões* (seis algarismos), novamente os *contos* (tres algarismos), os *milhões de milhões* (seis algarismos), e novamente os *contos* (desta vez podiam ir a seis algarismos).

*) Parecido com *bilhão* havia em portuguez o vocabulo *belhão*, com que se designava a moeda de cobre para trocos, cousa portanto muito diversa e de valor infimo. Vieira empregou o termo neste passo: *A prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e opulencia de tanto milhão em belhão* (Serm. 4, 418).

Assim, um numero fabuloso como

413475,048449,671,90000,397,787136

se lê, segundo tal systema: *quatrocentos e treze mil, quatrocentos e setenta e cinco contos quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta e nove milhões de milhões seiscentos e setenta e um contos noventa mil milhões e trezentos e noventa e sete contos setecentos e oitenta e sete mil cento e trinta e seis.*

Só em epoca relativamente recente passou a usar-se o termo *milhão* com o sentido unico que hoje tem. Ainda na segunda metade do seculo XVII Bernardes (N. Flor. 2, 136 e 4, 452), referindo-se a certas quantias de cruzados, julga necessario accrescentar esta explicação: *Chamo milhão de cruzados a dez vezes cem mil cruzados.*

Não raro convem enunciar os numeros indirectamente empregando os multiplicativos. No falar de hoje usamos *duplo* a par de *dobro* e as formas eruditas *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, *sextuplo*, *decuplo*, *centuplo*, as quaes desbancaram as antigas formas *tresdobro*, *quatrodobro*, *cemdobro* etc., ou *dous tanto*, *tres tanto*, *quatro tanto*, etc.:

A qual soombra parecia a elle que era *duas tanta* carne que aquella que elle levava na boca (L. de Esopo 13) — E possa em ella morar *trestanto* tempo, do que lhe ainda ficava por morar... sem por ella pagando pensão algũa pelo dito tempo do *tresdobro* (Ord. Alf. 4, tit. 74) — Queremos que o comprador pague em *quatrodobro* a valia da dita cousa (Ord. Man. 5, tit. 36).

Alguns exemplos occorrem de indicação indirecta em que se nomeiam apenas os numeros factores, deixando ao ouvinte o cuidado de calcular o producto:

E cada hũa [das tres mulheres] trazia consigo *nove novas* de damas... E cada hũa destas rainhas tem *nove setes* de camelos pretos (Castanh. 3, 144).

Na legislação antiga encontramos as expressões *noveas*, *anoveado* para denotar o multiplicativo de *nove*:

Encorrem em pena de perdimento para os ditos Mercadore: *anoveado* o que assi delles tiverem recebido de seu soldo, as quaes *noveas* paguarám da cadeia (Ord. Man. 5, tit. 98) — Paguem a dizem por a primeira vez em *tresdobro* e pola segunda *anoveada*, e pola terceira percam os officios (ib. 1, tit. 24).

O antigo distributivo **senhos** (tambem se dizia **senhes** e **sendos**), cuja significação era «cada um o seu», teve ainda certa aceitação entre os quinhentistas, cahindo em completo desuso do seculo XVII em diante:

Tres... fidalgos que tinham acesas *senhas* tochas de cera (Castanh. 2, 23) — Sete frades..., e os cinco tinham cada hũ sua cruz levantada, e os dous *senhes* retavolos de nossa senhora (ib. 5, 26) — Vinte aneis com *senhas* pedras finas (ib. 4, 43).

Numeros ordinaes

Os dous extremos da serie ordinal são expressos pelos termos *primeiro*, *primo* de uma parte, e *postumeiro*, *derdadeiro* e *ultimo* da outra. A forma *primeiro* era tão usual em port. ant. e na linguagem da Renascença como o é no falar hodierno. Apesar disso, consagrou o uso a forma erudita na expressão *primo coirmão*, reduzindo-a finalmente ao vocabulo *primo*, convertendo assim o antigo ordinal em tão bom substantivo como os demais nomes de parentesco.

Apparece a mesma forma erudita, alem disso, nos compostos *primavera*, *primogenito*, e usa-se, com especialização de sentido, nas locuções *obra prima*, *materia prima*, *numeros primos*. Occorre tambem nas expressões *quarto da prima*, *hora de prima*, usadas outrora, aquella para denotar o quarto da primeira vigilia da noite, esta para designar o espaço do dia correspondente a tres das nossas horas e que começava ao nascer do sol*).

* Na divisão do dia em espaços que duravam tres horas das nossas distinguam-se *hora de prima* (das 6 ás 9 horas da manhan), *hora de terça* (das 9 ao meio dia), *hora de nona* ou *noa* (das 3 ás 6). As 6 horas da tarde começava a *vespera* ou *hora de vespervas*. Os quartos da vigilia da noite abrangiam cada qual tres horas, e tinham estas denominações: *quarto da prima*, *quarto da lua*, *quarto da modorra*, e *quarto d'alva*. Ha engano da parte de Manuel Bernardes (N. Flor. 1, 281) quando põe por ultimo o quarto da modorra e procura dar a razão disso. Basta ler os chronistas para ver que este lugar não podia caber senão ao quarto d'alva. Em Castanheda, (8, 64) por exemplo, encontramos esta narração:

Parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom João e Antonio Galvão acolheram a suas camaras a dormir, e ainda bem o piloto e ho mestre não sentirão que dormião, derão com as velas embayxo... Feita esta boa pilotagem... deitão-se a dormir muy descansados, e duas oras por passar do quarto dalva começa-se dowir o leme da nao, que ya roçando polo chão.

Para denotar o termo que remata a serie havia em portuguez *derradeiro* e o curioso *postumeiro*, derivado analogico bastante empregado apesar do desuso de *postumo*. Diferença de sentido entre *derradeiro* e *postumeiro* não haveria, como se depreheende dos seguintes exemplos:

Sua *postumeira* conclusão foi esta (F. Lopes, D. J. 285) — *Derradeira* domaa (ib. 282) — Na *postumeira* parte de tamanha lastima e angostura (ib. 279) — Huã quarta feira pela manhã *postumeiro* dia do mez dagosto (ib. 264) — O *postumeiro* remedio (ib. 253).

Entrando em competencia com as duas palavras o termo *ultimo*, coube a este o triumpho. *Derradeiro* passou a ter uso mais restricto, e *postumeiro* desapareceu da linguagem.

Nenhum abalo padeceu o termo *segundo* no sentido rigoroso de ordem numerica. Os derivados eruditos *secundario* e *secundario* occorrem algumas vezes em linguagem scientifica com a mesma accepção. Fóra disso, usam-se em geral como equivalentes de «accessorio», cousa «de somenos importancia».

Á formação do usualissimo *terceiro*, que desbancou a *terço* (excepto em *terça-feira*, *terça*, parte da herança, na antiga locução *hora de terça* e nas expressões fraccionarias), serviu de modelo sem duvida a palavra *primeiro*.

Quarto, *quinto*, *sexto*, *setimo*, *oitavo*, *decimo*, nada offerecem de interessante no dominio da lingua portugueza, a não ser a variante *sesmo* (de **sextimo*), já ha muito esquecida, que deixou comtudo vestigios em *sesmar*, *sesmaria*, *sesmeiro*.

O feminino de *nono* tomou a forma *noa* na antiga locução *hora de noa* (V. a nota da pag. precedente).

Comquanto pareça muito natural formarem-se, de *decimo* em diante, os ordinaes *decimo primeiro*, *decimo segundo*, *decimo terceiro*, etc., haveria em todo o caso temeridade em affirmar serem estes e outros ordinaes superiores devidos á formação popular. O homem do povo aprende a contar, isto é, adquire a sciencia dos numeraes cardinaes com certa facilidade, digamos, até milhares e centenas de milhares; porem, desde o momento que se trate de ordinaes, para cuja formação se exija processo complicado, o seu saber e

1, 244) — *Christo... aos XXI capitulos* de São Lucas diz... (ib. 1, 247) — *Affirma-o São João aos XX capitulos* do Apocalypse (ib. 1, 480).

Em lugar dos vocabulos *quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo* etc., calcados sobre o latim e que presuppõem algum conhecimento deste idioma, poderia haver uma formação analogica mais accessivel ao vulgo como já ha em outras linguas modernas (cf. o francez *quarantième, cinquantième*, o italiano *ventesimo, trentesimo* etc.); mas a isto se oppõe o nosso eruditismo.

Alem das formações e maneiras de dizer até aqui estudadas, havia em portuguez para o numero « sete » e os numeros de « nove » em diante a formação ordinal em *-eno*, continuando-se, ainda que com alteração semantica, o processo latino creador dos distributivos *septenus, novenus, deceni*, etc. Dizia-se *dezeno sexto* (= 16º) e *dezeno oitavo* (= 18º). porque « seis » e « oito » não permittiam a formação em *-eno*. Admiravelmente simples e ao alcance de todo o mundo pela sua uniformidade, este processo teve poder de succumbir ante a reacção pedantesca dos escriptores. Resistiu, apesar disso, com vivacidade tal que ainda quinhentistas e seiscentistas o usaram de vez em quando, e o proprio Filinto Elysio não o desdenhou. Certos autores, principalmente os mais antigos, entremeiam, ás vezes, com apparente deleite, numeros ordinaes em *-eno* e numeros ordinaes de aspecto gravemente latino :

Dom Joam terceiro de nome, *quimzeno* dos reis de Portugal (Ined. Port. 5, 1) — Dos reys o *tredecimo* (ib. 2, 5) — Em o *dezenno* capitullo de sam matheu (Virt. Bemf. 163) — Em o *viceno septeno* capitullo do Genesy (ib. 168) — No capitullo *dezeno sexto* (ib. 168) — Em o *quadrageno nono* psalmo (ib. 168) — Em a *quadragesima quinta* defynçom (ib. 168) — Em o *dezeno septeno* capitollo de sam luca (ib. 168) — Em o psalmo *quinguaçeno* (ib. 169) — Em o *quatorzeno* capitullo (ib. 170) — Em o *decimo nono* (ib. 170) — Em a *quadragesima quinta* defynçom (ib. 170) — Tomava já de Roma a *dozena* vez (Frad. Men. 1, 284) — D. Duarte deste nome o primeiro, dos reis de Portugal o *onzeno*... D. Duarte vosso avô, dos reis o *undecimo* (Pina, D. Du. 14-15) — O *sexto, setimo, onzeno, decimo sexto* (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Foi Joanne segundo e rei *trezeno* (Cam., Lus. 4, 60) — Naquelle casa *dozena* (G. Vic. 2, 395) — Elrei de Espanha D. Affonso *onzeno* (Mend. Journ. de Afr. 1, 27) — Carlos *noveno* de França (ib. 1, 50) — Ao *seteno* [dia] falleceo (Barros, Dec. 8, 28) — O *onzeno* e *dozeno* capitulo (ib. 7, 10, 5) — No mesmo dia de seis de fevreiro, em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha

pouca saude este *seteno*, que apenas por mão alheia me permite deitar estas regras (Vicira, Cartas 2, 355) — Tem como por *onzeno* mandamento jantar ás nove horas (Mello, Ap. Dial. 23) — Sobreposto ao meu lustro *quatorzeno* (Fil. Elysio, 2, 253) — No anno *dezeno* (ib. 3, 147) — Pela *novena* vez (ib. 14, 6).

Conservam-se com sentido especializado os substantivos *novena*, *onzena*, *trezena* (de Santo Antonio), *quinzena*, *vintena*, *quarentena*.

Os pronomes: especies, formas e significação

Por muito suggestivo que seja o termo, não satisfaz, contudo, a sciencia da linguagem definir o pronome como palavra suppridora do nome substantivo. Nada autorisa a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de crear substitutos para esses nomes.

Correcto, me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes como *nomes e adjectivos geraes*, em opposição aos ordinarios nomes e adjectivos especies, devendo-se advertir que alguns nomes e adjectivos são mais geraes em sua significação do que outros. Assim, um nome de significação geral é, muitas vezes, quasi equivalente a um pronome. Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga *eu* ou *o autor*, e, referindo-se ao leitor, o trate de *vós* ou *o leitor*. E tanto é correcta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim *homem* em port. ant. era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francez *on* (o qual é a propria palavra *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas *o Senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O lat. *rem*, pela sua applicação geral, passou a ser pronome em romanico. E quantas vezes não nos serve a expressão *a cousa*, como equivalente de *isto*?

Todo o pronome é ou um substantivo (*pronome-substantivo*), ou um adjectivo (*pronome-adjectivo*). Alguns se

usam ora como substantivos, ora como adjectivos. Para não confundir a categoria dos pronomes com a dos nomes, diremos que são pronomes **absolutos** os que fazem vezes de substantivo, e pronomes **adjuntos** os que se empregam como adjectivo.

Dividem-se os pronomes em *pessoaes* (com as variedades *reflexivos* e *reciprocicos*), *possessivos*, *demonstrativos*, *relativos*, *interrogativos* e *indefinidos*.

Pronomes pessoas

Os pronomes pessoas usam-se todos como absolutos. Têm singular e plural e formas de nominativo, dativo e accusativo. Alguns (os da 3.^a pessoa) distinguem o genero. Dividem-se em pronomes da 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa. *Eu*, pronome da 1.^a pessoa, representa o individuo que fala; o seu plural *nós* significa esta mesma pessoa associada a outra ou outras: *eu + tu*; *eu + elle*; *eu + vós*, etc. *Tu* e *vós* são pronomes da 2.^a pessoa; *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, são os da 3.^a pessoa.

Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento directo da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insufficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indirecto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portugueza, o atrevimento de vir perante um individuo de hierarchia superior, e olhar para elle face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginario. Desta attenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa unica, se originou o costume de empregar o plural *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memoria a imagem da situação primitiva.

Outro modo de tratamento indirecto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um attributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ella propria. Assim, aproximavam-se os vassallos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê*, *vossa senhoria*, substituido depois por *vossa alteza* e finalmente por *vossa majestade*; assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excellencia* e

adoptaram-se na hierarchia ecclesiastica *vossa reverencia, vossa paternidade, vossa eminencia, vossa santidade.*

Generalisando-se, de fins do seculo XVI em diante, o costume de dar «majestade» aos reis, reservou-se «alteza» para os principes, e deram-se os demais tratamentos não-ecclesiasticos aos nobres, aos que occupavam certos cargos publicos, e finalmente ás pessoas de notoria posição social. É de notar todavia que diversas ordens regias prohibiram aos governadores do Brasil aceitarem o tratamento de excellencia. Na mónarchia brasileira uma das graças era o tratamento de excellencia; os barões sem grandeza não o tinham.

Do uso e abuso da formula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *ocê*, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por applicar-se a individuos de condição igual, ou inferior, á da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um individuo, servimo-nos hoje de *vocês* como plural semantico de *tu*. Outra forma alterada de *vossa mercê* é *vossancê*: *Guarda Deos a Vossancê* (M. de Mello, Fid. Apr. 9).

O pronome *vós* cahiu em desuso, quer para denotar pluralidade de pessoas, quer como tratamento de polidez; conserva-se todavia nas preces, no estilo oratorio, na poesia, na linguagem de ficção quando a pluralidade não se refere a seres humanos e no estilo official.

A deficiencia de um pronome applicavel igualmente a qualquer pessoa a que se deva certo respeito, suppre-a o tratamento *o senhor* com as competentes variações de genero e numero. A generalisação desta linguagem no uso commum data do seculo XVIII. Filinto Elyσιο diz a este proposito: *Quando eu sahi de Lisboa, ainda não se tinha esprañado muito o tratamento do Senhor* (Obr. 13, 305).

Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, emprega-se em duas situações diametralmente oppostas. Em boca de rei ou prelado é plural majestatico, mas, sahido da penna de um escriptor, *nós* parece signal de modestia.

FORMAS OBLIQUAS, ATONAS E TONICAS, DOS PRONOMES PESSOAES E O REFLEXIVO *se, si*. — O portuguez literario moderno conhece duas series de formas obliquas que se correspondem respectivamente. Umas, não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocabulos ato-

nos, a saber: *me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se*; as outras são sempre tónicas e dependentes de preposição: *mim* (outrora *mi*), *ti, nós, vós, elle, ella, elles, ellas*, e o reflexivo *si*. Assim dizemos: *peço-te um obsequio; escrevo-lhe, escrevo-te; procurei-o; estas cartas são para mim, para ti, para elle, etc.; move-se por si*. Coherentemente se diz também *entre ti e mim; entre mim e ti está a cruz ensanguentada* (Herc., Eur. 46); porque a conjunção e só liga cousas homogêneas.

As formas tónicas que acabamos de mencionar empregam-se com as preposições em geral; soffrem todavia uma modificação quando regidas da particula *com*. Dizemos *com elle* na 3.^a pessoa, mas em vez de *com mim, com ti, com si*, etc. temos de dizer *commigo, contigo, consigo* (outrora *nigo, tigo, sigo*), *commosco, commosco*. Diz-se, porem, *com nós outros* (Cam., Lus. 5, 69) e *com vós outros*.

Lhe com o seu plural*) é a forma de dativo (objecto indirecto); *o* com suas variações é o accusativo (objecto directo) da mesma 3.^a pessoa. Todas as demais formas atonas servem indifferentemente para um e outro caso.

As expressões *a mim, a ti, a elle, a si, a nós*, etc., além de indicarem um objecto indirecto, usam-se também para exprimir o objecto directo emphatico: *viu-me a mim e não a elle; A quem cuidas que venceram os godos? á mim? não por certo, se não a ti* (Bern., N. Flor. 5,206). Anteriormente, porem, ao periodo dos quinhentistas, os nossos escriptores empregavam as formas obliquas tónicas como accusativo emphatico, dispensando a particula *a*:

Contando como cativaram *elle* e os outros oito (Zur., Guiné 190) — Sojngam *sy* meesmos (Zur., ib. 460) — Segure *mim* o meus portos (Zur., P. Men. 342) — Desomrrando *ssi* desomrra nos e todo seu linhagem (F. Lopes, D. J. 11) Leixarei *elle* (S. Graal 129) — *El*, amiga, achei eu (Canc. Din. 2029) — Nom poss'eu... nem *mi* nem *el* forçar (ib. 1370).

AS FORMAS *mim (mi)* e *ti por eu e tu*. O emprego curioso das formas accusativas em lugar do nominativo repugna á linguagem culta de hoje. Já não era assim no falar

*) A forma *lhes*, com *s*, é relativamente recente. Nos Lusíadas e mesmo mais tarde, ainda encontramos *lhe*, quer para o singular, quer para o plural.

antigo em certas frases comparativas como as seguintes (cf com o francez actual):

Mais o coração pode *mais ca mi* (Canc. Din. 1326) — Com'er poderom viver...: senom coitados *come mi* (C. B. 141) — Porque mastaste aquelle mouro que era *melhor que ti* (Livro de Linh. XXI) — Ca tu vees que *milhor cavalleiro ca ti* a guanhou (S. Graal 14) — Sodes milhor cavalleiro e *mais ardidado ca mim* (ib. 141) — Porque fui *tal como ti* (G. Vic., III, 391).

Em Vieira ainda occorre este exemplo:

O mundo em estatua he muyto *maior que si mesmo* (Serm. 5,547).

Em lugar de *como eu* dizem ainda hoje na Beira *como mim*. Muito vulgar é em Portugal a frase: *Se eu a ti fosse* ou *se eu fosse a ti*. Em Gil Vic., 3, 325, lê-se:

A grandeza da misericordia e largueza que tu es e ella *he ti*.

Mais arrojadas ainda parecem frases como estas:

Ora vamos *eu e ti* ó longo desta ribeira (G. Vic., 1, 165) — Casemo-nos *eu e ti* (ib. 1, 137) — Amores que *mi e vós* sempr'ouvemos (V. 358).

O REFLEXIVO DA 3.^a COMO 2.^a PESSOA. — Em Portugal emprega-se, porem abusivamente, em linguagem familiar *si*, *comsigo* com referencia á pessoa com quem se fala. Este modo de substituir as expressões *o Senhor*, *com o Senhor* repugna em geral ao ouvido brasileiro, mórmente por dar, em certos casos, lugar a ambiguidade: *Falou comsigo* será *com o Senhor* ou *comsigo proprio*? *Não se referiu a si* será *a si mesmo* ou *ao Senhor*?

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos designam, como o nome indica, a noção de posse; designam, alem disso, outras relações de dependencia, parentesco, situação moral ou social, com respeito a outrem, partes componentes de um todo, attributos de um ser, etc.

Os possessivos da nossa lingua usam-se ora como absolutos, ora como adjuntos e são os seguintes: *meu*, *minha*, *meus*, *minhas* para o possuidor na 1.^a pessoa do singular;

nosso, nossa, nossos, nossas para o mesmo possuidor no plural; *teu, tua, teus, tuas* para o possuidor na 2.^a pessoa do singular; *vosso, vossa, vossos, vossas* para o mesmo possuidor no plural; e finalmente *seu, sua, seus, suas* para o possuidor na 3.^a pessoa tanto do singular, como do plural.

Seu, sua, etc. applica-se tambem á pessoa com quem se fala, desde que a tratemos por *o senhor, vossa mercê (você), vossa excellencia*, etc. Esta pratica tornou-se regra da linguagem seiscentista para cá.

Alem das formas *minha, tua, sua* encontram-se em documentos de portuguez antigo os femininos *mha, ta, sa (ssa)*, mas sómente como possessivos adjuntos.

Os possessivos derivam-se dos pronomes pessoases, sendo formados, em latim, do caso genitivo; o seu thema por isso refere-se ao possuidor. Na terminação seguem o genero e numero do nome que indica a cousa possuida.

Em portuguez o possessivo admittê o artigo antes de si: *o meu, o teu, o nosso, o seu*, etc. Como pronome absoluto, o possessivo requer este reforço, devendo porem omitir-se o artigo quando o possessivo vier junto dos verbos *ser, tornar-se*, ou de algum verbo que signifique «considerar como pertencente», sem presuppôr confronto com alguma cousa pertencente a outrem. Assim, são pensamentos diversos *esta casa é minha* e *esta casa é a minha*. Os seguintes passos esclarecem a regra:

Tem determinado de vir por agoa... o capitão *dos seus* acompanhado (Cam., Lus. 1, 80) — *Os vossos*... novos mundos ao mundo hirão mostrando (ib. 2, 45) — Este povo, que é *meu*,... por elle a ti rogando choro e bramo (ib. 2, 40) — Sou *tua, tua* para sempre (Herc., Eur. 292) — Podes ter por *tua* a Cintra (Herc., Lend. e Narr. 1, 91) — Lisboa... essa sabe Deus se tornará a ser *minha* (ib. 90) — Havia de lograr... eu *o meu*, porque é *meu*; e vós *o vosso*, porque é *vosso* (Vieira, Serm. 5, 451) — Assi tambem com falsa conta e nua á nobre terra alheia chamão *sua* (Cam., Lus. 3, 110) — Cuidam que é para si o que chamam *seu* (Vieira, Serm. 5, 455).

O POSSESSIVO ADJUNTO PRECEDIDO DE ARTIGO. — O possessivo adjunto occorre em portuguez, anteposto a um nome, ora sob a forma simples e originaria (*meu, teu, seu*, etc.), ora reforçado com o artigo (*o meu, o teu*, etc.). Não podemos precisar a epoca do apparecimento desta se-

gunda forma. Existia provavelmente muito antes dos primeiros documentos escriptos. Certo é que o seu emprego era relativamente restricto e só de Camões para cá se torna, de seculo para seculo, cada vez mais notoria a frequencia do possessivo reforçado. Fernão Lopes poucas vezes soccorria desta forma; em seus escriptos ella figura, ao lado dos exemplos de possessivo destituido de artigo, em proporção muito pequena: 5 % aproximadamente. Já nos Lusíadas sobe a porcentagem a 30 %, na linguagem de Vieira a mais de 70 % e finalmente na de Herculano a mais de 90 % *).

A differença entre os adjuntos *o meu, o teu*, etc. de um lado, e *meu, teu*, etc. do outro, baseou-se a principio num sentimento de linguagem que se foi esquecendo com o tempo. O possessivo, alliado ao que originariamente era um demonstrativo, devia melhor determinar o nome, chamar a attenção antes para o possuidor do que para a cousa possuida, e o seu emprego vinha muito a proposito onde se tornava necessario estabelecer contrastes, v. g.: *os senhores e fidalgos que hì eram com elle viam da sua parte* [i. e. da parte do rei] *tantas ajudas* (Fern. Lopes). O principio de economia (no portuguez antigo), a analogia e outros factores fizeram porem surgir casos numerosos, nos quaes ou se deixou de applicar o artigo requerido pela clareza, ou se passou a applicar, como hoje se pratica, sem visivel necessidade.

Prevalece na linguagem post-camoneana em geral o emprego do possessivo reforçado antes de um substantivo. Alguns dos exemplos em contrario subordinam-se a regras fixas, como veremos mais adiante. Os outros porem não parecem ser mais do que concessões que a tendencia geral faz ás vezes ás exigencias do estilo conciso e elegante. Cotejem-se, entre outros, os seguintes passos que se encontram em Vieira e Herculano:

> Comereis o fructo *dos vossos* trabalhos, ou os mesmos trabalhos *de vossas* mãos (Vieira, Serm. 5, 456) — Resplandeceo *o seo* rosto

*) Tal estatística sem pretensões a rigor absoluto foi por mim obtida, examinando, em paginas seguidas, todos os casos (em numero de 100 a 150 para cada autor) não sujeitos a regras especiaes e portanto parecendo permittir o emprego de possessivo com ou sem artigo. Ministraram exemplos: Fernão Lopes, Chronica de D. João, pag. 161 a 200; Camões, Lusíadas, cantos V a VIII; Vieira, Sermões, vol. 5, pag. 1 a 45; Herculano, Eurico, pag. 1 a 71.

(ib. 5, 434) — Nenhuma cousa viram *seus* olhos nem inventaram *seos* pensamentos (ib. 5, 438) — Dia que tem mais alegre *na sua* vida (ib. 5, 470) — Para que se veja, *o nosso* engano (ib. 5, 440) — Apascenta *minhas* ovelhas (ib. 5, 303) — Apascenta *os meus* cordeiros (ib. 5, 304) — Que me dêem *o meu* arnez brunido... e *o meu* estoque francez (Herc., Lond. e Narr. 1, 118) — [Volto] a cumprir com *minha* obrigação (ib. 1, 116) — Eu costume cumprir com *as minhas* promessas (ib. 1, 125) — Estes penhascos empinados sobre *nessas* cabeças (Herc., Eur. 64) — Armas penduradas por cima *das suas* cabeças (ib. 180) — *A minha* mão desfallecida abandonou-te (ib. 293) — Quero-o vivo em *minhas* mãos (ib. 216) — E' preciso que em breve estejam *nas minhas* mãos Pelagio e sua irman (ib. 217).

Em vez de vir antes do nome, apparece o possessivo adjunto ás vezes collocado depois d'elle; mas nesta posposição nunca pode arrastar consigo o artigo:

Não é premio vil ser conhecido por um pregão do ninho *meu* paterno (Cam., Lus. 1, 10) — O rei..., alvoroçado da vinda *tua*, tem tanta alegria que não deseja mais que agasalhar-te (ib. 2, 2) — A sêde *tua* nem com lagrimas se mitiga (ib. 3, 119) — Mova-te a piedade *sua* e *minha* (ib. 3, 127).

O POSSESSIVO ANTEPOSTO. *Condições especiaes.* — Palavras como *este, esse, aquelle, um*, que não podem ser empregadas juntamente com o artigo definido antes de um nome, excluem igualmente este artigo quando se ajuntem a um possessivo:

Para que *estes meus* versos vossos sejam (Cam., Lus. 1, 18) — *Esta sua* fuga (Vieira, Serm. 5, 310) — *Estes meus* olhos — *Aquelle* vosso amigo — *Um seu* criado.

Frases que se costumam dizer sem o artigo, dispensam-no tambem se nellas incluímos o possessivo. Assim, em certas locuções como *em poder de, em nome de, por vontade de, a respeito de, a gosto de, a favor de*, e outras semelhantes:

Falou *em meu nome, a nosso respeito, a teu favor* — Está *em meu poder* a carta — Nós mesmos sem outro inimigo ou ladrão bastamos e *por nossa vontade* para nos despojar delles (Vieira, Serm. 5, 450) — Pai meu, eu *em vossa presença* pequei contra o céu (cf. algumas linhas adiante: peccado commettido *em presença* do Rei (ib. 5, 457) — Legio cahiu hontem *em nosso* poder (Herc., Eur. 151) — Eis o que Suintila alcançou *a teu favor* (ib. 141) — Sangue derramado *em seu nome* (ib. 144). — Aquelle que eu cria viesse *em meu soccorro* não se esconderá de ti (ib. 197).

Por outro lado, e contrariamente á reciproca da regra anterior, pode o artigo vir junto ao substantivo e entretanto desaparecer ante o possessivo. Isto se verifica em certas expressões consagradas, como: *a seus pés, a meu lado* (apesar de se dizer *aos pés d'elle, ao lado de alguém*), *a seus olhos* ou *ante seus olhos, a meu ver, a meu cargo* etc.

Semelhantemente se fixaram na lingua sem a palavra *o* ou *a* as expressões *Nosso Senhor, Nossa Senhora*, assim como os tratamentos *vossa mercê, vossa senhoria, sua excellencia, sua majestade*, etc.

> Hoje, como outrora, os nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo. Occorrem todavia casos em que se reforça o pronome para tornal-o emphatico.

Mais liberdade ha, todavia, quando os nomes de parentesco não são tomados no sentido proprio; v. g. *filho* significando individuo «natural de um lugar», *irmão* applicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, communitade, nação ou raça.

1. *Tua irmã será salva* ou nenhum de nós voltará mais (Herc., Eur. 182) — Prometia acompanhar o rei godo com um esquadrão mais lustroso que os de *seus* sobrinhos (ib. 82) — A' sombra do escudo do *seu* irmão (ib. 182) — Perdoai a *meu* velho pai, que não tem culpa da pobreza de *seu* filho (Herc., Lend. e Narr. 1, 125) — Salvar a honra do nome de *seus* avós (ib. 167) — Não vos abandonarei eu; que o devo... á... memoria de *vosso* virtuoso pai (ib. 178) — Jurava-o pelo céu, pelos ossos de *seus* avós (ib. 193) — Jura-lhe que *tua* filha repelliu o seu amor por obedecer-te (Herc., Eur. 142).

2. Eu não te amaldiçoarei, oh meu pai. *A tua* filha nunca te accusará ante o supremo juiz (Herc., Eur. 283) — E' o cemiterio em que jazem os ossos *dos nossos* pais (ib. 70).

3. Considerava-o como o mais *veneravel* entre *os seus* irmãos no sacerdocio (Herc., Eur. 19) — E' d'aqui que deves sahir com *os teus* irmãos do deserto (ib. 64) — São *os nossos* valentes irmãos. São *nossos* irmãos, que nos esperam (ib. 211) — Junto ao Chryssus a Hespanha pedia *aos seus* filhos que morressem sem recuar (ib. 223) — Podeis dizer *aos nossos* irmãos que o primeiro em fugir foi aquelle que nunca fugiu (ib. 225) — As recordações... embriagavam-lhes os animos ao lembrarem-se de que as armas *dos seus* avós da Germania tinham brilhado victoriosas (ib. 57) — Dize *aos teus* irmãos do Herminia que venham aqui (ib. 271).

A forma possessiva é ás vezes mero recurso de linguaagem usado ou para referir o sentido de um nome a um caso particular, ou para indicar a pessoa a quem em espe-